

PATRIMÔNIO

Apito dos trens é trocado pelo movimento da economia criativa

Gabriel Margonar, de Santa Maria
Especial para o Jornal Cidades

Durante décadas, a movimentação dos trens definiu o ritmo da vida em Santa Maria. Passageiros chegavam e partiam diariamente, hotéis se espalhavam pelo entorno da estação ferroviária e o comércio prosperava impulsionado pelo fluxo constante de viajantes. Quando a ferrovia perdeu protagonismo ao longo da segunda metade do século XX, porém, a dinâmica da região mudou.

A antiga centralidade ferroviária da cidade foi gradualmente substituída por áreas de expansão urbana. Hotéis fecharam as portas, imóveis ficaram vazios e parte das estruturas que ajudaram a impulsionar o crescimento da cidade passou a conviver com a deterioração e o abandono.

Mas quem circula hoje pela Vila Belga encontra uma realidade diferente daquela observada há duas ou três décadas. Cafés, restaurantes, galerias, espaços culturais e empreendimentos criativos passaram a ocupar construções históricas, atraindo moradores e visitantes para uma área que



Casas históricas passaram a ser ocupadas por cafés, restaurantes e espaços culturais; nas ruas, brique atrai centenas de visitantes

voltou a ganhar protagonismo na vida urbana santa-mariense.

Parte dessa transformação começou há 11 anos, a partir de uma iniciativa dos próprios moradores. Criado em 2015, o Brique da Vila Belga nasceu de

uma proposta simples: oferecer um espaço para que moradores comercializassem produtos produzidos na própria comunidade. A ideia rapidamente cresceu.

“Percebemos que uma feira restrita aos moradores teria pou-

ca capacidade de expansão. Então decidimos abrir espaço para artesãos, produtores e expositores de toda a cidade e da região”, recorda o criador e diretor-geral do evento, Kalu Flores.

O resultado apareceu rapi-

damente. Atualmente, o Brique reúne cerca de 200 expositores cadastrados e recebe aproximadamente 100 participantes por edição. Realizado no primeiro e no terceiro domingo de cada mês, tornou-se uma das principais atrações culturais de Santa Maria.

Segundo Flores, os efeitos ultrapassaram os limites da própria feira. “A partir do Brique começaram a surgir galerias de arte, lojas de artesanato, cafés, antiquários e outros negócios que encontraram aqui um ambiente favorável”, diz.

O evento também surgiu em um período particularmente sensível para a cidade, ainda impactada pela tragédia da Boate Kiss. Em um momento de poucas atividades culturais, a iniciativa ajudou a devolver circulação de pessoas à região e uma alternativa de lazer aos santa-marienses que viviam um luto coletivo.

“Antes as pessoas vinham fotografar os casarios. Hoje elas vêm para permanecer aqui. Além da arquitetura, passaram a existir atrações culturais, música, gastronomia e atividades para toda a família”, celebra.

Região em Santa Maria ganha projetos voltados à revitalização

A ocupação crescente dos espaços históricos coincidiu com um movimento mais amplo de revitalização do chamado Centro Histórico Ferroviário, formado pela Vila Belga, Gare da Estação Férrea, avenida Rio Branco e demais estruturas ligadas à antiga malha ferroviária.

Nos últimos anos, intervenções de infraestrutura e recuperação patrimonial passaram a alterar a paisagem da região. Entre elas estão a recuperação da pavimentação histórica da Vila Belga, melhorias urbanas na avenida Rio Branco e projetos de restauração de edifícios históricos.

O principal deles é a recuperação da antiga Associação dos Empregados da Viação Férrea, contemplada pelo programa Ico-

nicidades. A obra receberá cerca de R\$ 13 milhões e deverá abrigar espaços voltados à economia criativa, atividades artísticas e preservação da memória ferroviária.

Outro exemplo é o Mercado da Vila Belga, instalado em um prédio que integrou a antiga cooperativa ferroviária e que hoje reúne iniciativas ligadas à inovação, educação e empreendedorismo. Segundo o prefeito Rodrigo Décimo, as ações ganharam força a partir de 2021, com a criação do Distrito Criativo Centro-Gare. “O que buscamos é transformar essa região em um espaço capaz de preservar sua história e, ao mesmo tempo, gerar oportunidades para a cidade”, afirma.

Na avaliação dele, a preservação histórica é justamente um

dos diferenciais da região. “O patrimônio não é um obstáculo ao desenvolvimento. Pelo contrário, é um dos principais ativos desse território.”

Já para o coordenador da Comissão de Patrimônio Cultural do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul (CAU/RS), José Daniel Craidy Simões, o aspecto mais importante do processo não está apenas nas obras, mas na ocupação efetiva dos espaços. “Revitalizar significa devolver vida a um lugar. No caso da Vila Belga, muitas edificações estavam subutilizadas e não tinham ocupação plena”, afirma. Segundo ele, um dos maiores riscos para qualquer conjunto histórico é justamente o abandono: “Quando portas permanecem fechadas e não há circulação de pessoas, acumulam-se problemas estruturais que aceleram a deterioração”, ressalta.



Prédios, como a Gare da Viação Férrea, passarão a abrigar novas atividades na cidade

Ainda, o arquiteto acredita que os efeitos da revitalização tendem a alcançar diferentes setores da economia local. “É uma semente capaz de impulsionar o desenvolvimento econômico, turístico e cultural. Os benefícios aparecem na hotelaria, na gastronomia, no comércio e na própria valorização da cidade”, conclui.

E assim, mais de um século depois de nascer para servir à ferrovia, a Vila Belga volta a atrair pessoas por outros motivos. Os trilhos deixaram de ser protagonistas, mas o movimento permanece. Agora, impulsionado pela cultura, pela gastronomia e pela tentativa de construir um novo futuro sem abrir mão da memória.

Da construção à reinvenção: a linha do Tempo da Vila Belga

